

Sobre alguns comportamentos sexuais pouco discutidos em sala de aula e o PCN

The lack of discussions on sexual behaviour in the classroom and the national curricular parameters

Juarez Gomes*

* Mestre em Educação (UNICAMP). Docente do curso de Pedagogia da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), campus Arapongas.
e-mail: <juarez.gomes@prof.unopar.br>

Resumo

Neste artigo, se faz uma breve reflexão sobre as propostas colocadas pelos PCN¹ temas transversais, *orientação sexual*. Discute-se uma suposta desconsideração no trato com esse tema em sala de aula, para questões como a castidade e a fidelidade e temas afins que, embora sendo valores apregoados pelo cristianismo, estariam presentes no comportamento de pessoas e/ou grupos em nossa sociedade. Discorre-se sobre diferentes conceitos de cristianismo e algumas relações dele com problemas hodiernos ligados à sexualidade humana. A presente abordagem, além de objeto de preocupação do autor, relaciona-se com experiências da questão no trato com o tema em sala de aula. São feitas referências aos PCN de *orientação sexual* no sentido de apontar o suposto apoio à viabilidade da presente abordagem; fazem-se apontamentos a respeito da dificuldade que tem o professor de romper com as influências da mídia erotizada sobre a sala de aula; e reflexões sobre a necessidade de lidar com a criança e o adolescente dentro desse tema, considerando a multiplicidade do ser humano, especialmente sua dimensão afetiva.

Palavras-chave: Comportamento sexual, PCN, cristianismo, fidelidade, respeito.

Abstract

This paper aims at reflecting on sexual orientation, one of the cross-curricular themes from the National Curricular Parameters. Although some issues such as chastity and fidelity, as well as other ones related to them are considered Christian values and playing a role in people's behaviour, it is argued that sexual orientation has not been approached in the classroom. Therefore, different concepts of Christianity and its relationship to the modern problems about the human sexuality are presented here. The way to approach this theme is the author's object of study, besides being related to his experience in approaching the issue in the classroom. The National Curricular Parameters have been referred to in order to support this approach for sexual orientation; some consideration for teacher's difficulty in blocking the erotic media influence on the classroom is addressed and reflections on the necessity to deal with this theme in classrooms of children and teenagers are proposed. All of these have to be considered bearing in mind the human being multiplicity, especially his affective magnitude.

Key words: sexual behaviour, National Curricular Parameters, Christianity, fidelity, respect.

Confrontada com a crise das relações sociais, a educação deve, pois, assumir a difícil tarefa que consiste em fazer da diversidade um fator positivo de compreensão mútua entre indivíduos e grupos humanos.
(DELORS, 1998, p. 52)

1 Introdução

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou no mês de maio de 2002, dados relacionados ao crescimento do número de mães adolescentes (mulheres entre 15 e 19 anos de idade) na última década: houve um aumento de 8,7% em 1991, para 9,1% em 2000. No entanto, essa notícia (assustadora para todos quantos lidam com educação) e tudo o que dela poderia ser deduzida, ficou ofuscada pela “festa” em torno do anúncio (no mesmo “pacote”) da diminuição da taxa de mortalidade infantil no país (SEGUNDO..., 2002).

Mesmo que possa ser considerada uma abordagem reducionista, o presente artigo questiona se a causa de tal problema e outros relacionados, como o aumento de DST, não teria ligação com a exaltação desenfreada que os meios de comunicação fazem à busca pelo prazer sexual descomprometido. Essa erotização exacerbada da sexualidade direcionada principalmente aos jovens e adultos tem influenciado em muito as crianças e adolescentes em nossos dias. Esse *comportamento carnal*¹, com reflexos negativos no ambiente escolar, estaria se configurando como uma norma de conduta, gerando uma discriminação velada a pessoas e grupos que defendem posturas que passaram a ser consideradas retrógradas, como a da opção pela castidade sexual (comportamento denominado patológico por muitos especialistas) ou pelo adiamento da prática sexual com vistas a uma união estável.

Na tentativa de contribuir com subsídios teóricos para a correção dessa distorção, defende-se aqui a importância da discussão dessas questões (castidade e fidelidade sexual) dentro do tema transversal *orientação sexual*, no sistema formal de ensino. Essa defesa, no entanto, não discutirá os enfoques médicos e/ou psicológicos relacionados – embora sejam aspectos importantes a serem tratados, porém num espaço maior. Ela também tentará não ser dogmática (apesar de conter algumas reflexões permeadas por *valores cristãos*²), pretendendo ser uma breve ponderação sobre a necessidade de se respeitar dentro das escolas, valores como os aqui defendidos, ainda que estes estejam configurados em nossos dias (na visão dos opositores) apenas em grupos minoritários.

Essa preocupação foi gerada pela observação a (aqui considerados) equívocos cometidos, quando da abordagem do tema *orientação sexual* no Ensino Fundamental. Os equívocos seriam: o sentimento de impotência, quase que geral, por parte dos professores em contrapor o discurso da mídia erotizada; e não atentar para a preservação dos valores dos diferentes grupos sociais representados por seus alunos. A necessidade de os professores não incorrerem nesses erros seria, inclusive, uma diretriz dos Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCN, BRASIL, 1997, p. 153)³. As observações nessa direção ocorreram durante o trabalho com esses profissionais (alunos de graduação) nas disciplinas de ética profissional e metodologia para o ensino de ciências nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

2 Definindo os Termos Castidade e Fidelidade

O dicionário Aurélio define assim as palavras castidade e fidelidade:

- **castidade:** (do lat. castitate.) S. f. - I. Qualidade de casto (do lat. castu - adj. - 1. Que se abstém de quaisquer relações sexuais. 2. Que se abstém de relações sexuais ilegítimas ou imorais) e II. Abstinência total dos prazeres sensuais;
- **fidelidade:** (do lat. fidelitate.) S. f. - 1. Qualidade de fiel; lealdade. 2. Constância, firmeza nas afeições, nos sentimentos; perseverança.

Tais palavras serão trabalhadas nos seguintes sentidos: castidade = “*qualidade de casto*”, pessoa que, em sua visão de mundo “*se abstém de relações sexuais ilegítimas ou imorais*” considerando valores individuais e/ou de seu grupo; e fidelidade = “*qualidade de fiel*”, pessoa que tem “*constância, firmeza nas afeições, nos sentimentos; perseverança*”. Embora possa até parecer cômica a possibilidade da existência de pessoas com tais características, elas existem sim e, vivendo a maioria no anonimato, estariam sendo discriminadas através da diminuição de oportunidades para manifestarem seus posicionamentos. Essa discriminação passaria pelo constrangimento de serem consideradas alienadas dos pseudos benefícios do sexo, já que não compactuariam com idéias como a de que ser feliz é fazer sexo (“seguro”) frequentemente.

Não considerar a possibilidade de uma pessoa viver sem sexo por um período pré-determinado ou por toda a vida significaria afirmar que o mesmo teria uma dimensão única ou prioritariamente biológica. Assim, se negaria o direito de alguém se reservar sexualmente para uma união estável em momento que julgasse oportuno, direcionado por motivos religiosos; por não encontrar a “pessoa certa”; ou outra razão qualquer. No caso do desrespeito à existência de alguém que teve ou terá uma “vida inteira” sem sexo, seria o mesmo que negar o direito à felicidade a quem foi mutilado(a); àquele(a) que por “problemas” físicos e/ou estéticos não conseguiu encontrar um (a) parceiro (a); a quem optou pela vida monacal; ou por qualquer outro motivo.

Não discutir e/ou admitir a possibilidade de uma pessoa viver um relacionamento sexual balizado pela fidelidade, significaria afirmar que a natureza humana é animal, ou seja, o homem se comportaria como animal no cio:

¹ Esse termo deve ser, aqui, entendido como a busca pela satisfação sexual somente na dimensão biológica. Nesse caso não haveria um compromisso com o (a) parceiro (a), no que diz respeito às inerentes conseqüências físicas, emocionais e espirituais, decorrentes dessa relação.

² Entendam-se valores cristãos como os registrados no Novo Testamento, presentes na comunidade cristã, desde sua origem até o século III de nossa era, antes do surgimento do cristianismo católico.

³ Toda referência ao PCN, aqui, aponta para o volume 10: “Pluralidade cultural, orientação sexual/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997”.

apenas se satisfaz o instinto independentemente do parceiro e das condições. É bem verdade que, diferentemente dos animais, haveria a possibilidade da contaminação pelas DST, por isso (argumentariam), o único cuidado a se ter seria o uso do preservativo em todas as relações. É como se o preservativo garantisse também a imunidade a qualquer outra consequência que pode advir de um relacionamento sexual, como por exemplo, a experiência de abandono pelo(a) parceiro(a); de diversas formas de frustração; da sensação negativa de ser objeto de prazer do outro; etc.

Quando o professor não reflete com seus alunos essas questões (e normalmente ele não o faz) estaria, inclusive, não atentando para as orientações do PCN no que diz respeito à necessidade de discussão sobre todas as dimensões que envolvem a experiência sexual. A ausência dessa reflexão, no entanto, passaria pela dificuldade que o homem de hoje (apreciador e consumista do descartável) tem de compreender essa dimensão totalizante do relacionamento sexual. Dificuldade essa mantida pela forma equivocada (explorando somente a dimensão biológica, com forte apelo à sensualidade) da mídia lidar com a sexualidade humana (BRASIL, 1997, p. 112-114).

Como constatação de algumas dessas afirmações, percebeu-se, através do comportamento de alunos de segundo ciclo do Ensino Fundamental, em recente projeto de estágio enfocando a orientação sexual numa escola da rede municipal de Londrina, a dificuldade de compreensão da relação existente entre essas dimensões (afetiva e biológica) no relacionamento sexual. Quase todas as perguntas feitas pelas crianças estavam voltadas para a compreensão da fisiologia do sexo. Conduta semelhante constatou-se com alunos do terceiro ano letivo de 2001 nos cursos de pedagogia da UEL, através de seminários com temas afins; e na UNOPAR, por meio de aulas sobre os *temas transversais* na disciplina de ética profissional.

Durante os seminários, em especial nos momentos de discussão sobre saúde e DST, havia um constrangimento quase que generalizado quando se introduziam as questões da castidade e da fidelidade para apreciação da turma. Os poucos alunos que se manifestavam favoráveis a tal consideração tinham dificuldade em convencer os demais que não se tratava de dogmatismo religioso, e sim de pensar o sexo sobre outros prismas que não fosse unicamente o biológico. Nas discussões sobre os *temas transversais*, apesar de boa parte dos alunos considerarem importante tal reflexão, também houve uma certa dificuldade em evitar que não se confundisse tal abordagem com dogmatismo. Inclusive manifestou-se a equivocada preocupação, principalmente dos que já eram professores, em (caso tratasse sobre o polêmico tema com seus alunos) terem que se tornar “exemplos” de castidade e fidelidade sexual para as crianças.

As dificuldades, encontradas no trato dessas questões, apontam para a evidência da grande força

psicológica exercida através da mídia. Muito do que ali é apresentado defende o interesse de diversas corporações econômicas que lucram com o erotismo “premiador” do comportamento carnal. Por isso, o considerar a possibilidade de uma vida normal sem uma prática periódica do sexo, ou a preservação física e emocional para em momento oportuno iniciar uma relação única e estável, vem adquirindo conotações de utopia. A descrença nessa utopia, todavia, não deveria levar o educador, especialmente aquele que atua no Ensino Fundamental, a ignorar essa possibilidade (daí discuti-la em sala de aula), estando atento para respeitar e “fazer” com que se respeitem pessoas e grupos com esses comportamentos.

3 Considerações sobre o Cristianismo e o Tema

Pretende-se mostrar, aqui uma outra interpretação do cristianismo a respeito desse assunto (que envolve a sexualidade), tentando minimizar as consequências do equivocado julgamento que dele se tem, no sentido da condenação que faria pela satisfação do desejo sexual. A maioria dos que se opõem ao cristianismo o aponta como um dos maiores movimentos repressores do comportamento sexual humano. Ele permitiria o sexo, dizem, somente para a reprodução, punindo a busca pelo prazer em seus ensinamentos – inclusive o próprio PCN parece fazer de forma velada essa afirmação (BRASIL, 1997, p. 118). Entretanto essa crítica é feita confundindo-se os preceitos do *cristianismo original*⁴ com os do cristianismo católico que, deve-se admitir, foi o castrador não somente da liberdade sexual, mas de todo tipo de comportamento individual ou coletivo que contrariasse seus interesses religiosos e políticos. É sabido que a igreja católica já reconheceu muitos desses erros e que igrejas protestantes também erraram nessa área.

Porém, na prática do cristianismo original isso não ocorria. Em nenhum momento, os valores cristãos desconsideravam a existência e a possibilidade dessa vivência da sexualidade entre os que aceitavam a proposta de vida que priorizava o reino de Deus. A grande maioria dos apóstolos de Jesus Cristo, por exemplo, eram casados e mantinham (o que podemos deduzir de seus relatos) uma relação conjugal normal, inclusive em alguns casos não se registra a existência de filhos entre eles. O que ocorria dentro desse cristianismo não “contaminado” (questões político-econômicas) pelos interesses humanos, e isso como proposta, era a exaltação dos valores espirituais ali colocados acima do comportamento carnal. Embora a reprodução humana (parceria com Deus no processo de manutenção da vida na Terra) seja o principal objetivo do sexo entre os cristãos tradicionais, nesse ambiente há espaço para a satisfação da sexualidade entre os cônjuges (ver algumas referências ao final deste artigo).

Mesmo consciente da inobservância plena dessa conduta (relacionada à sexualidade) do cristianismo

⁴ A vivência proposta por Jesus Cristo nos Evangelhos e nos demais escritos do Novo Testamento. Como já foi citado em nota anterior, constituía-se numa conduta voluntária manifestada entre os cristãos até o século III d.C.

original, em boa parte das atuais comunidades que se consideram cristãs, ela ainda é realidade em alguns segmentos sociais (comunidade católica Canção Nova, por exemplo). Esse seria mais um dado que exigiria a consideração dos educadores a tal conduta, quando se discute com todos os alunos a respeito de *orientação sexual*.

Apesar de nosso Brasil ser denominado de maioria religiosa cristã (em suas vertentes católica ou protestante), é importante observar que a defesa a uma *orientação sexual* que inclua a discussão da castidade e da fidelidade sexual abarcaria também o respeito a valores de outras culturas aqui existentes, como é o caso do islamismo e do judaísmo. Não se trata, portanto, da defesa de dogmas cristãos tradicionais no trabalho com esse tema transversal em sala de aula, e sim do respeito aos valores que estariam presentes no modo de vida daqueles que fazem parte desses grupos.

Como mais uma ilustração da relevância dessa preocupação, pode-se perceber nas orientações didáticas presentes no PCN, a sugestão de o professor não responder a uma pergunta do aluno sobre o que seria uma relação sexual, dizendo que “é o que acontece entre um homem e uma mulher após o casamento para se ter filhos”, por ser essa resposta uma “*imposição de valores particulares*”. O que seria então, como sugere o PCN, uma resposta que contemplasse “*valores e comportamentos diversos*”? – A que é veiculada pelas mídias comprometidas com as indústrias pornográficas, enaltecidas dos valores econômicos acima dos morais (o que seria o discurso de boa parte dos professores)?

Defende-se que essa resposta deveria ser a mais abrangente possível, abordando as diversas conseqüências (psicológica, religiosa, econômica, afetiva...) envolvidas na prática da relação sexual. Além disso, o aluno deveria saber ou lembrar que convive (ou poderá conviver) com colegas e pessoas, dentro e fora da escola, que têm o direito de não querer fazer sexo, ou manter fidelidade para com o(a) parceiro(a) sexual. Estes deveriam ser respeitados, independentemente da motivação para tal comportamento. Tal posicionamento fortaleceria uma convivência pluralista e democrática, como aponta o PCN, entre pessoas que consideram o relacionamento sexual uma experiência em que prevalece a dimensão biológica, com aqueles que somam a essa dimensão o espiritual e o compromisso afetivo estável, priorizando esses últimos.

Portanto, se trata aqui da defesa de todos quantos, individualmente ou em grupos, primam por relacionar-se com o outro ser humano como pessoa e não (como equivocadamente são levados a acreditar) como objeto. Nesse sentido, o pensador austríaco Martin Buber, discorrendo sobre a importância de tal relacionamento, que para ele seria o amor mútuo, diz:

O amor não está ligado ao EU de tal modo que o TU fosse considerado um conteúdo, um objeto; ele se realiza entre o EU e o TU. Aquele que desconhece isso, e o desconhece na totalidade de seu ser, não conhece o amor, mesmo que atribua ao amor os sentimentos que vivencia, experimenta, percebe, exprime. (BUBER, 1979, p. 17).

A experiência da castidade e da fidelidade e comportamentos deles advindos passariam por essa dimensão do amor referida pelo autor. Nesse caso, não se trata do vulgarizado termo “fazer amor”, sinônimo em nossos dias (na maioria das vezes) de relação sexual descomprometida; mas da prioritária consideração pela totalidade do outro, da cumplicidade e responsabilidade no relacionamento sexual.

4 Sobre o PCN de *Orientação Sexual*

É importante que se registre o respeito a toda equipe técnica que trabalhou na confecção do PCN de *orientação sexual*, desde os coordenadores até os revisores. Não se questiona aqui a competência desses profissionais. O que se coloca é apenas a necessidade de o educador, na interpretação das diretrizes ali colocadas, não cair no engano de repetir o discurso, quase que hegemônico na mídia, de depreciação a comportamentos sexuais que consideram importantes a castidade e a fidelidade.

É louvável a preocupação do PCN com o fim da discriminação a pessoas ou grupos de comportamento homossexual; com o necessário diálogo sobre a sexualidade e a sensualidade humana, envolvendo crianças, adolescentes e jovens, seus pais e educadores; e do não controle de qualquer dogma religioso sobre a *orientação sexual* realizada nas escolas. Porém essa preocupação não deveria ser compreendida (como o é na maioria das vezes) como “orientação” por uma uniformização do comportamento sexual dos alunos. Nesse sentido, atualmente discute-se a sexualidade na escola (principalmente entre os adolescentes) como se o uso do preservativo fosse a *panacéia* para os problemas das pessoas. Questiona-se aqui: o “sexo seguro” não seria aquele que é feito com uma pessoa responsável, que ama o(a) parceiro(a) como a si mesmo(a), que o(a) conhece tão bem antes do ato sexual, a ponto de ter certeza de sua fidelidade? – É uma conceituação religiosa cristã tradicional sobre o sexo? – Embora seja em alguns aspectos (pois não se pode ignorar a História), sua relevância, como um dos caminhos na busca por uma vida sexual mais feliz, pode ser confirmada por qualquer profissional honesto da área da saúde ou educação, ainda que ateu. Abrir espaço em sala de aula para tal reflexão, juntamente com a discussão sobre o uso do preservativo ou outras experiências afins, seria um trabalho que verdadeiramente estaria abordando as várias dimensões da sexualidade.

Não se faz aqui apologia ao fim do uso do preservativo de maneira indiscriminada (embora seja da ciência de muitos a existência de estudos científicos contraditórios sobre sua eficácia). Isso poderia repercutir como uma atitude irresponsável e criminosa, considerando o grande número de pessoas portadoras de DST em nossos dias; e a quase impossibilidade de se contar com a honestidade da maioria delas quando do ato sexual (mesmo porque tomam essa atitude como uma defesa contra a discriminação). A tentativa aqui é do apontamento para a possibilidade, ainda que difícil, de o professor (especialmente do Ensino Fundamental)

discutir com seus alunos alternativas de outros comportamentos sexuais seguros, além dos aqui apontados, diferentes daqueles propostos pela mídia.

O próprio PCN, ainda que de forma genérica (e não poderia ser diferente), faz recomendações que fundamentariam a proposta aqui colocada. Por exemplo: considerar “o respeito por si e pelo outro” (BRASIL, 1997, p. 107); os cuidados com as fontes da mídia que “atuam de maneira decisiva na formação sexual de crianças, jovens e adultos” (BRASIL, 1997, p. 112); o cuidado no trato com a sexualidade em suas múltiplas dimensões, afirmando que “a proposta de orientação sexual considera a sexualidade nas suas dimensões biológica, psíquica e sociocultural” (BRASIL, 1997, p. 117); o de não direcionar o comportamento sexual dos alunos (especialmente dos adolescentes e jovens) rumo ao hegemônico (não seria o propagado pela mídia?!), e sim “problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho” (BRASIL, 1997, p. 121); e outras recomendações semelhantes.

Sendo assim, não estaria fora das orientações do PCN uma prática pedagógica que, num primeiro momento, estivesse voltada para respeitar e “fazer” respeitar pessoas e grupos que no ambiente escolar ou fora dele consideram importantes em seu comportamento a castidade e a fidelidade sexual; e, num segundo momento, trabalhasse propositivamente com todos os alunos a possibilidade de tal conduta.

5 Conclusão

Essa breve reflexão tentou levantar questionamentos sobre o tipo de *orientação sexual* que se trabalha com crianças e adolescentes no ambiente escolar. Defendeu-se a importância de o professor não repetir o discurso com fins somente econômicos presentes na mídia, quando se refere a sexo; chamando a atenção para o respeito aos comportamentos que primam pela castidade e pela fidelidade, que poderiam estar presentes na escola e fora dela; e propondo um tratamento mais abrangente sobre a sexualidade.

Essa preocupação aqui colocada é fruto da percepção de que se tratam as crianças e os adolescentes de nossos dias, na maioria das vezes, como se sua única necessidade fosse o sexo. O resultado desse posicionamento equivocado está na imprensa quase todos os dias: aumento da gravidez precoce e/ou indesejada; da pedofilia; das DST; de crianças abandonadas; e barbaridades semelhantes. Provavelmente a reflexão sobre essas questões juntamente com os alunos poderia trazer algumas respostas para esses graves problemas.

Diante desse quadro, fica difícil não admitir que nossa sociedade se encontra bastante “doente” e que nossas crianças têm sido as mais penalizadas. Como finalização para assunto tão complexo, se questiona: na tentativa de colaborar para a construção de um plano de ações com vistas à “saúde” plena de nossos alunos, seria possível que educadores e pais ainda pudessem compreender que a maior necessidade da criança é na verdade amor e respeito? – Seria possível também, (pai

e professor) tirar um pouco do seu “precioso” tempo da vida adulta para uma “conversa fiada” com a criança; para brincar mais com ela; para abraçá-la mais; procurar descobrir suas reais necessidades...?

Com essas perspectivas, o grande educador e médico polonês, Janusz Korczak, com a autoridade de quem viveu e morreu pelas crianças, nos diz:

Parece que as coisas não são fáceis nem para as crianças, nem para os adultos..., bom seria, quem sabe, o sujeito ser alternadamente grande e pequeno, assim como existe inverno e verão, dia e noite, sono e vigília. Deste modo, ninguém estranharia ninguém, mas adultos e crianças haveriam de se entender melhor... (KORCZAK, 1981, p. 69).

Assim, espera-se que a presente reflexão tenha contribuído para se pensar e buscar uma orientação sexual que seja tão segura para a alma e o espírito, quanto para o biológico de crianças e adolescentes.

Referências

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Ed. Vida, 1996.

_____. Tradução da Vulgata pelo Pe. Matos Soares. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1989.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUBER, M. *Eu e Tu*. 2. ed. revista e traduzida da 8ª ed. em alemão de 1974 por Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Cortez, 1979.

CATONNÉ, J.-P. *A sexualidade, ontem e hoje*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DELORS, J. (Coord.). *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1998.

FERREIRA, A. B. H. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

KORCZAK, J. *Como amar uma criança*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. *Quando eu voltar a ser criança*. 11. ed. São Paulo: Summus, 1981.

SEGUNDO Censo 2000, mortalidade infantil cai 38% em uma década. *Folha Online*, 8 maio 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u50662.shl>>. Acesso em: 30 set. 2002.

Algumas referências no Novo Testamento da Bíblia Sagrada sobre a sexualidade:

A possibilidade da castidade. Mt. 19:12; I Co. 7:7.

A fidelidade na relação sexual: Mt. 5:32 e 19:9; Rm. 7:3; Ef. 5:25-29.

O caráter natural do prazer na relação sexual: Mt. 19:6; I Co. 7:4.

O amor ao próximo como a si mesmo: Mt. 22:39; Rm. 13:9; I Jo. 3:11-23.

